

A teoria do enquadramento na análise de temáticas raciais na comunicação¹

Márcia Guena²

Ceres Santos³

Universidade do Estado da Bahia

Este artigo contribui com as discussões acerca do emprego da teoria do enquadramento (*framing*) como metodologia para análise de questões raciais na mídia - em particular junto ao projeto Observatório Racial da Mídia Brasileira, que tem levantado e analisado a produção diária de parte da mídia hegemônica (Folha de S. Paulo, Uol e G1) e da mídia independente negra (Mundo Negro, Amazonia Real, Notícia Preta e Alma Preta) sobre temas étnico-raciais, em um período que foi de janeiro a agosto de 2023. Em uma primeira etapa da análise dos dados constatamos a presença significativa de mulheres negras como fontes, sinalizando para uma mudança significativa nas escolhas das fontes.

Palavras-chave: enquadramento; comunicação e racismo; fontes na mídia; interseccionalidade; racismo

Introdução

O projeto Observatório Racial da Mídia Brasileira nasceu da inquietação dos/as pesquisadores/as integrantes do Grupo de Pesquisas Rhecados - Hierarquizações Raciais, Comunicação e Direitos Humanos acerca das mudanças ou permanências de comportamentos identificados xxx na cobertura midiática sobre temas étnico-raciais, no momento em que essas temáticas parecem estar ganhando mais visibilidade na esfera pública. O Observatório tem levantado, desde fevereiro de 2023 - com uma interrupção de outubro de 2023 a fevereiro de 2024 - a produção diária de jornais Folha de S. Paulo, Uol e G1, considerados como mídia hegemônica, e mídia independente negra, Mundo Negro, Alma Preta.

Desde a sua concepção temos utilizado a teoria do enquadramento, mas percebemos a necessidade de identificar as fontes ouvidas em cada matéria, especificando o gênero, raça e etnia das mesmas, a partir da heteroidentificação. Ou seja, não são as fontes que se auto identificam, mas sim nós, as pesquisadoras. Assim, pretendemos contribuir com as discussões acerca do emprego da teoria do enquadramento como metodologia para análise de questões raciais na mídia, relacionando a mesma com a análise das fontes, com relação a gênero, raça

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico. Evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professora Dra. do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: mguena@uneb.br

³ Professora Dra. do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: cmssantos@uneb.br

e etnia, compreendendo que estes são componentes fundamentais na mudança dos enquadramentos, incorporando assim uma perspectiva interseccional.

A teoria do enquadramento em diálogo com as fontes

A teoria do enquadramento, ou framing, nasce no campo da psicologia social, através de autores como Gregory Bateson (1987) e Goffman (1986)), dentre outros, na observação de comportamentos sociais, tanto de pessoas como de animais, examinando como estes conseguem reconhecer códigos internos nas suas interações, ou seja, como um determinado comportamento é enquadrado pelo grupo. Tanto um como outro estão debruçados na dimensão relacional entre os indivíduos.

Bateson afirma que a comunicação se dá em quadros de sentido (Bateson, 1987, p 183), afirmando que além do caráter denotativo, a mensagem possui aspectos metacomunicativo e metalinguístico. O metalinguístico se refere a forma como a mensagem repensa a linguagem e o metacomunicativo fala dos elementos que fazem parte da relação entre os falantes.

Goffman (1986) segue os estudos de Bateson e elabora o conceito de *framework primary*, ou estrutura primária, uma estrutura interpretativa que permite aos interlocutores localizar, perceber, identificar e rotular uma infinidade de eventos.

Tomados em conjunto, os enquadramentos primários de um determinado grupo social constituem um elemento central da sua cultura, especialmente na medida em que emergem entendimentos relativos às principais classes de esquemas, às relações destas classes entre si, e à soma total de forças e agentes que esses designs interpretativos reconhecem estar soltos no mundo” (Goffman, 1986, tradução nossa)

Os quadros primários “abarcam não somente as dimensões racionais, como ainda aquelas identificadas com uma explicação esotérica, dotada de uma lógica própria, apesar de serem interpretadas, por alguns componentes do social, como irracionais” (CARVALHO, 2009, p. 5), utilizados para responder às interações entre os indivíduos. Ou seja, são quadros de referência, esquemas interpretativos que auxiliam a compreender a realidade.

Para Goffman, os quadros (*frames*) de referência, que norteiam a formação do discurso, muitas vezes passam despercebidos, mas estão projetados ativamente: “só não conseguimos ver isso porque os acontecimentos normalmente confirmam estas projecções, fazendo com que os pressupostos desapareçam no fluxo suave da atividade (Goffman, 1986, p. 39, tradução nossa)

Segundo Entman (1993), autor que tem se preocupado em fazer uma revisão sistemática do conceito, recorrendo ao pensamento de Goffman:

O enquadramento (framing) envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar

(frame) é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover a definição de problemas separados, a interpretação causal, a avaliação moral e/ou a recomendação de tratamento para o item descrito.” (...) Quadros, então, *definem problemas* - determina o que um agente causal está fazendo, com quais custos e benefícios, geralmente medidos em termos de valores culturais comuns; *diagnostica causas* - identifica as forças que criam o problema; *fazer julgamentos morais* - avalia agentes causais e seus efeitos; e *sugere remédios* - oferece e justifica tratamentos para os problemas e preve seus efeitos prováveis. (Entman, 1993,p.52 tradução nossa).

Há quatro atores na construção do quadro, afirma Entman (1993, p.53): o comunicador, o texto, o receptor e a cultura. Este autor defende a ideia de que “o quadro em um texto de notícias é realmente a marca do poder - registra a identidade de atores ou interesses que competiram para dominar o texto” (Entman 1993, p.55). Quem são esses/essas atores/atrizes? Nos nossos estudos, em que o racismo estrutural assume a centralidade da discussão, na sua dimensão interseccional, trazer o gênero, classe e a raça dos/das falantes é essencial na conformação dos enquadramentos, pois a experiência vivida por esses grupos em questão, submetido à colonialidade, aporta enquadramentos distintos.

No campo do Jornalismo Gaye Tuchman (1978) foi uma das autoras que pioneiramente aplica o conceito de enquadramento ao jornalismo “como parte de uma perspectiva mais ampla de compreensão do jornalismo” (Campos, 2009, p.3). Ao contrário de Goffman Tuchman privilegia os “quadros de referência da atividade jornalística, em detrimento dos quadros de referência naturais” (Campos, 2009, p.3) o que para Campos reduz as possibilidades de interpretação.

Já Rothberg (2010), revisando o caminho empírico das pesquisas sobre jornalismo político, trabalha com classificações, usual para este tipo de tema: o enquadramento de jogo, ou corrida de cavalos, que enfoca as chances de derrota ou vitória, sem preocupar-se com os contextos; o enquadramento estratégico, que na política corresponde às estratégias calculadas para a vitória; o episódico, que noticia um fato político importante, como políticas públicas, sem falar de seus desdobramentos; esses três, como acentua o autor, pode receber a forma de enquadramento de conflito, quando acentua as disputadas.

Para superar a superficialidade das tipologias anteriores, os autores estudados por Rothberg (2010) apontam para o enquadramento temático, explorando antecedentes e consequências das temáticas abordadas, explorando diferentes perspectivas, “expectativas das pessoas afetadas” e examinando questões macroestruturais, o panorama histórico etc. (Rothberg, 2010, p.57).

Na nossa pesquisa, adotamos, no primeiro ano, a classificação sistematizada por Rothberg, aplicada a temas relacionados a questões étnico-raciais nas mídias hegemônica e independente, localizando a maioria das notícias da mídia hegemônica como enquadramentos de conflito. Em uma avaliação do teoria, Rothberg (2010), trazendo o conceito de habitus de Bourdier afirma que:

Abraçar a noção de enquadramento implica evitar julgamentos que atribuem, a uma suposta intencionalidade de jornalistas e editores, a feição que uma dada matéria vem a assumir. Nesse contexto, as apropriações de sentido, construídas a partir das inevitáveis escolhas implícitas na produção de uma simples pauta, deixam de ser consideradas necessariamente como fruto de manipulação deliberada. Ao invés, elas passam, de acordo com as mais recentes tendências de estudo de mídia, a ser tidas como resultado de esquemas de pensamento arraigados como habitus sob fórmulas consagradas por padrões industriais de produção da notícia (Barros Filho, 2002; Barros Filho e Martino, 2003).” (Rothberg, 2010, p.61)

Teoria do enquadramento em articulação com gênero e raça

Observa-se que o uso da teoria do enquadramento para temáticas de raça e gênero, contribui para evidenciar conteúdos na mídia, nem sempre visíveis em uma primeira leitura. Essa teoria contribui para evidenciar uma das tensões que emergem quando falamos no acesso ao discurso midiático, com recorte às narrativas de mulheres negras. Outras questões dizem respeito ao enquadramento e gênero das notícias.

Há estudos que pontam para a ausência das falas das mulheres negras a mídia hegemônica, como fonte, a exemplo da dissertação *Mídia e educação: o discurso da imprensa no debate das ações afirmativas para negros/as* (Santos, 2007), que nos indica um cenário de exclusão das mulheres negras sobre o debate da adoção das cotas no Brasil, para ampliar o acesso de estudantes negros/as ao ensino superior no Brasil. Os dados referentes a 2001, nos jornais do Brasil, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil e A Tarde mostram que de 345 entrevistas, 20 foram com mulheres negras; 53 com mulheres brancas; 222 com homens brancos. e 33 com homens negros.

Vejam que essa pesquisa apontou para um silenciamento das falas das mulheres negras. Já uma das pesquisas desenvolvidas pelo projeto Observatório Racial da Mídia Brasileira, no período de fevereiro a agosto de 2023, coordenada pelas autoras deste artigo, nos serve como um marco de mudança de lugar, pois nesse estudo recente as mulheres negras não estão mais naquele lugar de invisibilidade. Essa pesquisa, compreende a produção diária de parte da mídia hegemônica (Folha de S. Paulo, Uol e G1) e da mídia independente negra (Mundo Negro e

Alma Preta) sobre temas étnicos-raciais. no período citado acima, mas que para esse artigo vamos focar na mídia hegemônica e veremos, segundo Menezes, Guena e Santos (2023) o seguinte quadro:

TABELA 1 - Total de mulheres negras como fontes em matérias na mídia hegemônica

| | M. negra | M. branca | M. indígena | H. branco | H. negro | H. indígena |
|--------------|----------|-----------|-------------|-----------|----------|-------------|
| FSP | 257 | 161 | 7 | 368 | 251 | 3 |
| G1 | 261 | 234 | 6 | 348 | 185 | 6 |
| UOL | 143 | 57 | 0 | 155 | 160 | 1 |
| Total | 661 | 452 | 13 | 871 | 596 | 10 |

Fonte: Dados levantados pelos/as pesquisadores/as do Observatório Racial.2023

Mas nota-se que mesmo sendo significativa a presença de mulheres negras em matérias que tratam da temática étnico racial, na FSP os homens brancos foram os mais ouvidos: 368 contra 257 mulheres negras. O mesmo cenário se repete no G1: 348 fontes homens brancos e 261 mulheres negras No UOL as mulheres negras fontes(143) ficou abaixo dos homens brancos,155 e homens negros, 160.

Observem que os números apurados por Menezes, Guena e Santos (2023) apontam para um contexto onde a mídia hegemônica, aqui representada pela FSP, G1 e Uol, é receptiva à presença de mulheres negras como fonte. Como nossos estudos não se limitam aos dados quantitativos e sem desconsiderar a sua importância, nos interessa, também, saber o conteúdo discursivo dessas mulheres e os enquadramentos midiáticos. Afinal, compreendemos que o acesso ao discurso midiático, ou a invisibilidade das narrativas das mulheres negras, se dá a partir da prática social de elementos estruturantes da colonialidade, onde gênero e raça, são categorias alvo de exclusões. E conhecer o foco do enquadramento é fundamental para entendermos o posicionamento da mídia hegemônica, aqui representada pela FSP, G1 e Uol.

TABELA 2 - Total de mulheres negras como fontes em matérias na mídia alternativa negra

| | M. negra | M. branca | M. indígena | H. branco | H. negro | H. indígena |
|----------------------|----------|-----------|-------------|-----------|----------|-------------|
| MUNDO NEGRO | 70 | 08 | 02 | 05 | 46 | 00 |
| ALMA PRETA | 65 | 11 | 01 | 06 | 17 | 01 |
| AMAZONIA REAL | 05 | 10 | 31 | 14 | 12 | 54 |
| NOTICIA PRETA | 66 | 09 | 04 | 13 | 34 | 09 |
| TOTAL | 206 | 38 | 38 | 38 | 109 | 64 |

Fonte: Dados levantados pelos/as pesquisadores/as do Observatório racial.2023

Com exceção da Amazonia Real, as mulheres negras aparecem como fontes majoritárias nas mídias alternativas negras. Esse dado, quando comparado com os números da mídia hegemônica, constata-se que nos três mídias: FSP, G1 e UOL, as mulheres negras são preferidas em relação aos homens brancos - FSP, 257 mulheres negras contra 368 homens brancos; G1 261 e 348 e UOL 143 e 155. Nesse ponto, os dados levantados por Freire, Guena e Santos (2023) volta a se igualar com a pesquisa de Santos (2007), quanto os homens brancos foram as fontes preferidas para tratar de temáticas sobre a adoção de políticas afirmativas para ampliar o acesso de estudantes negros no ensino superior: de 345 entrevistas, 20 foram com mulheres negras e 222 com homens brancos.

Observem que estamos estudando a presença dos discursos das mulheres negras na mídia, de um grupo historicamente colocado à margem das áreas de poder, pela prática da colonialidade entre elas, o discurso midiático. Aliás, a comunicação tornou-se área de enfrentamento ao racismo, sexismo, exclusão de classe etc, de várias organizações de mulheres negras, a exemplo da Geledés e Instituto Odara. Mesmo que os estudos ainda estejam em uma fase preliminar já é possível identificar a presença e a ausência desse grupo na mídia. Grupo esse alvo de estudos sobre o impacto da mídia em manter uma prática de exclusão das mulheres negras ou de enquadramentos negativos. Dai feministas negras como Collins (2016) tratarem da superação da imagem de controle - aqueles lugares identificados, preconceituamente, como sendo para as mulheres negras.

Para Collins (2016), a autodefinição e a autoavaliação das mulheres negras contrapõem o que é registrado sobre elas, do que é produzido por elas. Esse deslocamento “de quem fala” tem permitido a produção e visibilidade dessas mulheres em contraposição às visões compartilhadas e, também, distintas sobre gênero, classe e raça, por exemplo. Destaca a autora que uma plataforma negra não existe e sim, “uma longa e rica tradição de um pensamento feminista negro” (COLLINS, 2016, p. 102). Enquanto a autodefinição é um desafio às estruturas que se mantêm, entre outras coisas, reforçando imagens estereotipadas das mulheres negras, para Collins (2016) a autoavaliação substitui essas imagens por outras, autênticas e criadas por mulheres negras, fruto de um processo de definição de si. Santos.2020, p.150.

Considerações que seguem

A teoria do enquadramento nos fez remeter a forma como as pessoas negras são “rotuladas”, fixadas em imagens de controle, um conceito bastante explorado por Patrícia Hill Collins (2019), aplicadas nas diversas formas de discursos, textuais e imagéticos. Estas

representam formas estáticas - que aqui fazemos um paralelo com os quadros (*frames*) - de conceber as pessoas racializadas, nos seus diversos momentos de circulação pelo mundo. Se as pessoas racializadas correm, são identificados como ladrões; se atuam no teatro ou na TV, devem ocupar funções subalternas; se afrontam a autoridade policial, são assassinados, sem a possibilidade de viver. O racismo é um elemento central da cultura eurocêntrica, que aprisiona as pessoas racializadas em imagens de controle.

Para nós “as diferentes perspectivas” de que fala Rothberg, ou a “identidade dos atores”, referida por Entman, nos faz necessariamente vincular “enquadramento” ou quadros interpretativos propostos nos textos jornalísticos às fontes! A posição de classe, gênero e raça dos falantes podem operar com a normatização dos quadros, alinhando-os ao poder/saber/ser hegemônicos.

Referências

- CAMPOS, Luiz Augusto. A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 20, nº 3, dezembro, 2014, p. 377-406.
- CARVALHO, Carlos Alberto. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. **Contemporânea**. Revista de Comunicação e Cultura, v. 7. n.2, 2009. p. 1-15
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.
- ENTMAN, Robert. Framing Toward clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, **Autumn**, 1993; 43,4. p.51-58
- _____. Framing Bias: Media in the Distribution of Power. *Journal of Communication* 57 (2007) 163–173.
- FREIRE, Flávio. GUENA, Márcia. SANTOS. Céres. **Observatório de veículos noticiosos independentes: uma análise de fontes e enquadramentos**.2023.
- GOFFMAN, Erving. Frame analysis. Reprint, Originally published: New York: Harper & Row, 1986.
- MENEZES, Ana Beatriz; GUENA; Márcia; SANTOS. Céres. **Observatório racial da mídia hegemônica brasileira**. 2023.
- ROTHBERG, Danilo. O Conceito de Enquadramento e sua contribuição à Crítica De Mídia; In: CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Vitrine E Vidraça: Crítica De Mídia e Qualidade No Jornalismo**. Covilhã, UBI: Livros LabCom, 2010 (p. 53-66).
- SANTOS, Céres. **A comunicação afrodiaspórica decolonial de mulheres negras brasileiras de quatro coletivos nas redes digitais**. 2020. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- _____. **Mídia e educação: o discurso da imprensa no debate das ações afirmativas para negros/as**. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação). Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2007